

As joias auríferas da gruta pré-histórica da Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal)

G. ZBYSZEWSKI, O. DA VEIGA FERREIRA, M. LEITÃO, C. T. NORTH e J. NORTON

RESUMEN: Los autores hacen un relato de la yacija prehistórica de Verdelha dos Ruivos (Vialonga) y mencionan el espolio encontrado que incluye las joyas de oro estudiadas en capítulo aparte. En este capítulo los referidos autores hacen también la comparación de las joyas de Verdelha con las de otras estaciones ya sean portuguesas, españolas o francesas.

Las fechas de radiocarbono 14 están comprendidas entre los años 3100 a 2000±1800 B.C.

SUMMARY: The authors give a brief description of the prehistoric area of Verdelha dos Ruivos (Vialonga) and of their excavation of the remnant of a burial cave situated in the large stone quarry close to that village.

The artifacts, which belong to the Portuguese Neolithic IIB and Beaker periods, are enumerated and presented in pictorial form. They include two types of sheet gold ornaments: 1) spirals, known in France as 'tortillons', and 2) a ring made of a strip of that metal. Both are discussed in detail and compared with similar finds in Spain and France.

The archaeological contexts of the cave of Verdelha dos Ruivos show that it was used from *circa* 3100 B.C. in the case of the older finds, to *circa* 2000±1800 B.C., for the Beaker folk.

RÉSUMÉ: Les auteurs font une brève description de la zone préhistorique de Verdelha dos Ruivos (Vialonga) et de leurs fouilles réalisées dans la partie restante d'une grotte funéraire située dans la grande carrière auprès de ce village.

Les trouvailles, qui appartiennent au Néolithique IIB du Portugal et à la culture du vase campaniforme de ce pays, sont énumérées et présentées graphiquement. Elles incluent deux espèces de bijoux en or: 1) des spirales, connues en France sous le nom de 'tortillons', et 2) un anneau constitué par une bande de ce métal. L'une et l'autre sont discutées en détail et comparées avec des objets semblables rencontrés en Espagne et en France.

Les contextes archéologiques de la grotte de Verdelha dos Ruivos montrent qu'elle a été utilisée à partir de 3100 B.C. environ, pour le cas des objets plus anciens, jusqu'à environ 2000±1800 B.C. pour les hommes de la culture du vase campaniforme.

I. Introdução

A cerca de 8 km. ao N. de Lisboa situa-se uma pequena povoação chamada Verdelha dos Ruivos. Fica esta povoação no sopé de elevações topográficas de certo valor, como o monte SERVES com a cota de 350 m., a AGUIEIRA com 287 m. e a CONCHARRA com 239 m. A gruta, meia natural, meia artificial, onde apareceram as joias auríferas, situa-se nos calcários do Cenomaniano médio, logo por debaixo dos calcá-

rios rijos considerados antigamente como do Turo-niano e hoje incluídos no Cenomaniano superior.

Quando da descoberta da gruta pela brigada que a escavou, esta encontrava-se com menos de 1/3 da sua área inicial, por desabamento da frente da pedreira aí existente. Os materiais arqueológicos encontravam-se espalhados pela encosta abaixo, arrastados pelo escorregamento das argilas empapadas de água que ficam sub-jacentes aos calcários margosos onde se abriu a sepultura.

Esta sepultura, objecto já de uma comunicação ao IX Congresso Internacional de Nice em Setembro de 1976, foi inteiramente escavada¹.

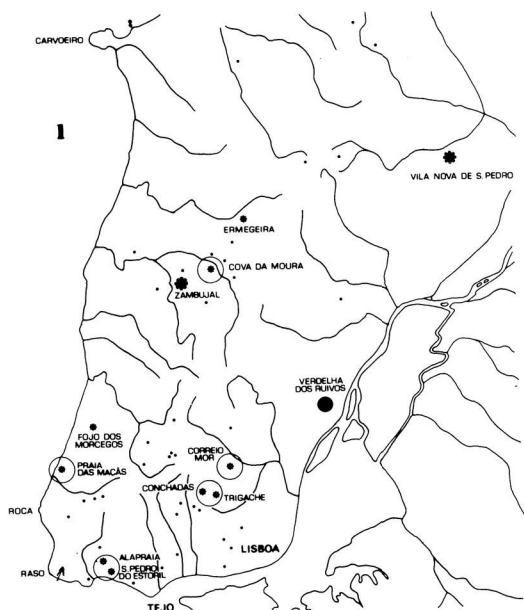


FIG. 1

II. Meio arqueológico

A região da Verdelha dos Ruivos é já abundante em descobertas. Assim, citamos o destruído dolmen do Casal do Penedo, a sul da Verdelha, que foi escavado e estudado há anos². Posteriormente foram detectadas, a poente do Monte de Serves, antiguidades dignas de nota, das quais um pequeno monumento megalítico sem espólio que foi estudado³. Quando da descoberta da gruta que deu as joias auríferas, entrámos um silo pré-histórico objecto duma comunicação feita e depois publicada em Madrid⁴. Entre a gruta e o silo existiu um povoado com um concheiro que a pedra destruiu completamente⁵.

¹ G. ZBYSZEWSKI; O. DA VEIGA FERREIRA; M. LEITÃO; C. T. NORTH et J. NORTON: «La grotte funéraire de la carrière de Verdelha dos Ruivos (Vialonga)», *Com. ao IX Cong. Int. de Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, Nice, 1976.

² G. ZBYSZEWSKI et M. VAULTIER: «Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos)», *Trad. de Antrop. e Etnol.* vol. XIII, fasc. 1-2, Porto, 1951.

³ M. LEITÃO; C. T. NORTH; H. REYNOLDS DE SOUSA e O. DA VEIGA FERREIRA: «O monumento megalítico do Monte de Serves» (no prelo).

O. DA VEIGA FERREIRA: «Acerca dos monumentos de planta quadrada ou rectangular encontrados em Portugal», *Bol. Cultural*

III. A Jazida

A gruta, muito embora bastante destruída, proporcionou, sem dúvida, uma visão do que teria sido, após as metódicas escavações ali realizadas. Havia 4 níveis de enterramentos (note-se *enterramentos* e não deposições, como era o mais vulgar nesta época); esses níveis eram ocupados por enterramentos sucessivos, bem determinados e individuais, muitas vezes com lajes de cobertura, não só para as isolar, como também para bem individualizar os enterramentos. Conseguiu-se, com muita paciência e cuidado, e muito embora houvesse remeximentos, quer durante os enterramentos em épocas sucessivas, quer pelas águas que no decorrer de milénios entraram na gruta e removeram os enterramentos, levar a cabo tão difícil como complicada escavação sem deixar campo para dúvidas quanto ao que ali se passou há milhares de anos. Identificaram-se, nos 4 níveis distintos, separados como se disse por lajes horizontais, 44 inumações.

IV. O Espólio

O espólio encontrado, mesmo sem ser abundante, é muito interessante e põe alguns problemas que, à maioria dos arqueólogos sem grande experiência, pode causar surpresas. O que se passa é que o conjunto campaniforme mais importante sofreu a influência do horizonte de importação, aliás como sucede na Península de Lisboa em várias jazidas, quer sepulcrais, que de «habitat» (castros, povoados, etc.). Assim, ao lado da cerâmica campaniforme típica da cultura portuguesa (Palmela e Alapraia), temos cerâmica de importação, sobretudo tipos de Acebuchal de Carmona, assim como cerâmica lisa de cunho dolménico e de Almería. Os ídolos de calcário e de osso demonstram bem a influência do horizonte calcário, como a ponta de cobre de tipo Pal-

da Junta Distrital de Lisboa, vol. 81, Lisboa, 1975.

⁴ G. ZBYSZEWSKI; O. DA VEIGA FERREIRA; M. LEITÃO; C. T. NORTH et J. NORTON: «Découverte d'un silo préhistorique près de Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal», *Madrider Mitteilungen*, vol. 17, Heidelberg, 1976.

⁵ A destruição de antiguidades pré- e protohistóricas pelas pedreiras foi uma constante antes do 25 de Abril. Porém, hoje, tudo continua na mesma ou pior. Pelo menos, o grau de responsabilidade diminuiu assustadoramente e também o grau de autoridade, que ainda impedia que patrões e operários das pedreiras desrespeitassem as determinações das entidades oficiais responsáveis pela conservação das antiguidades.

mela, a agulha e o punção atestam, com a cerâmica campaniforme típica, o horizonte campaniforme de Portugal com intercâmbios da região de Sevilha (Acebuchal de Carmona e Campo Real)⁶. O total do

mela, 1 punção de cobre, 1 agulha de cobre, 3 espirais de ouro (*tortillons*), 1 anel ou pseudoanel em folha batida e cortada obliquamente (parece tratar-se de um pedaço de ouro meio trabalhado ou de um

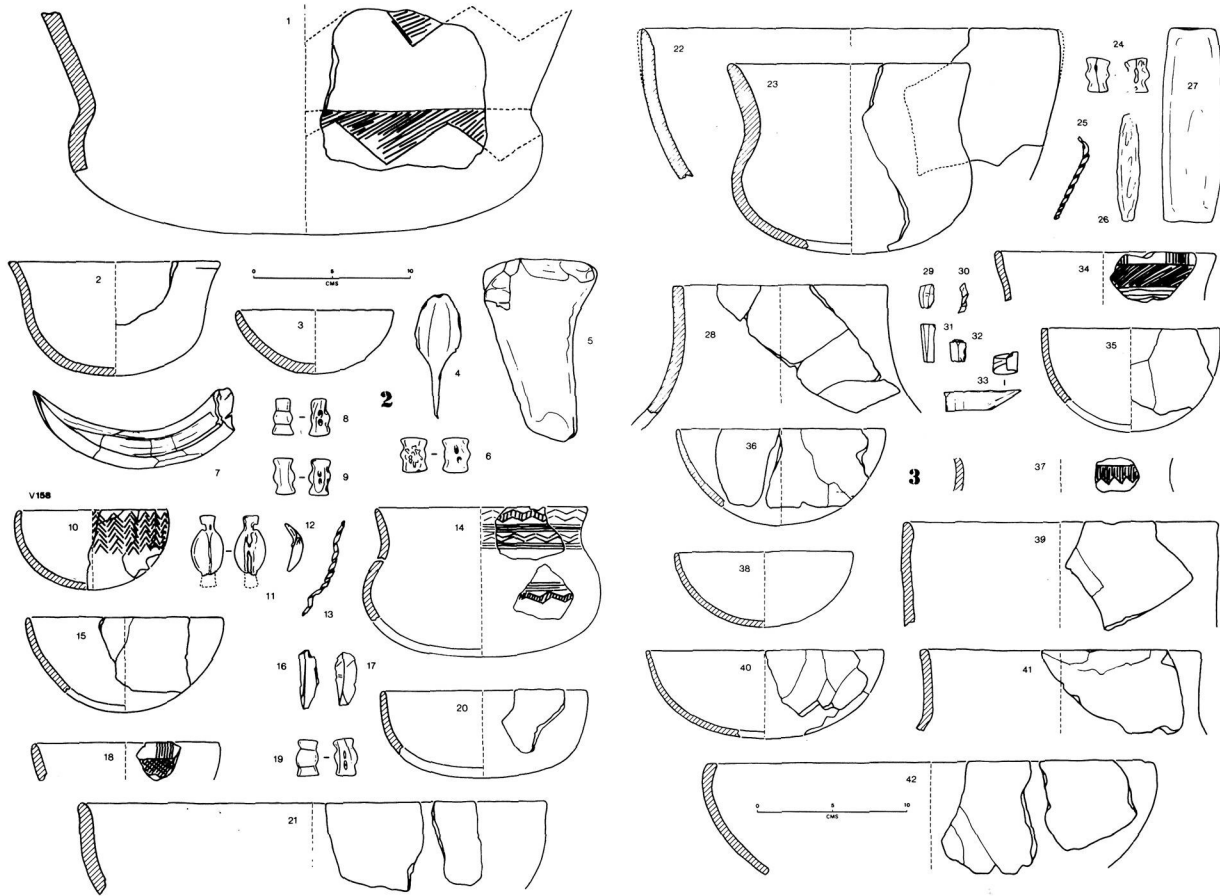


FIG. 2

espólio recolhido consta de: 298 fragmentos de cerâmica com a possibilidade de reconstituir 55 vasos lisos e 23 ornamentados de tipo campaniforme, 6 pequenas lâminas de sílex e fragmentos, 1 lasca residual, 1 lasca de basalto afeiçãoada tendo servido de percutor ligeiro, 1 percutor esferoidal, 7 botões de osso ou de marfim de forma antropomórfica e de tartaruga como perfuração em V, 1 cabo de instrumento de osso polido, 1 lasca rectangular de osso polida (placa), 1 ponta de seta de cobre de tipo Pal-

retalho de metal que foi enrolado em volta do dedo do morto em simulacro de anel), 1 conta esférica de rocha verde (variscite), outra oval também de variscite, 1 pequeno ídolo fusiforme de calcário, 1 ídolo cilíndrico de calcário, 1 pequeno ídolo achatado de calcário e 1 ídolo de calcite. Fauna de veado, de texugo (*Meles taxus*), 1 dente de *Felis*, 1 grande dente de javali (presa para servir de lúnula) e um crânio de *Felis* (possivelmente *Felis domesticus*).

⁶ G. BONSOR: «Les colonies agricoles de la Vallée du Bétis», *Revue Archéologique*, T. XXXV, Paris, 1889.

V. As Joias

As joias de ouro encontradas na gruta da Verdinha dos Ruivos constam de 3 espirais de ouro enroladas em hélice ou em torcida sobre um objecto cilíndrico, cordel ou tira de cabedal. A maior forma um tubo de 60 mm. de comprimento ligeiramente cónico, e uma lâmina de ouro enrolada para servir de anel laminar.

O anel ensina-nos algumas coisas sobre a técnica utilizada para trabalhar o ouro em folha. O bordo do anel, em metade da base do trapézio, é chanfrado por fricção com um objecto cilíndrico polido, possivelmente um osso, e o lado oblíquo apresenta

um risco a poucos milímetros da margem e paralelo a ela; tal ranhura riscada existe também junto ao bordo da espiral maior. O exame à binocular das margens do metal mostra que foi partido por dobragens repetidas num desses riscos até fracturar o metal, sendo o bordo depois alisado por desgaste numa superfície plana.

As hélices, também chamadas pelos arqueólogos franceses «*tortillons*»⁷, são raras. Em Portugal apenas apareceram no monumento megalítico da Bela Vista em Colares⁸. Em Espanha apareceram na sepultura campaniforme de Pagos de la Peña (Salamanca)⁹. Em França são assinaladas no dolmen de la Pierre

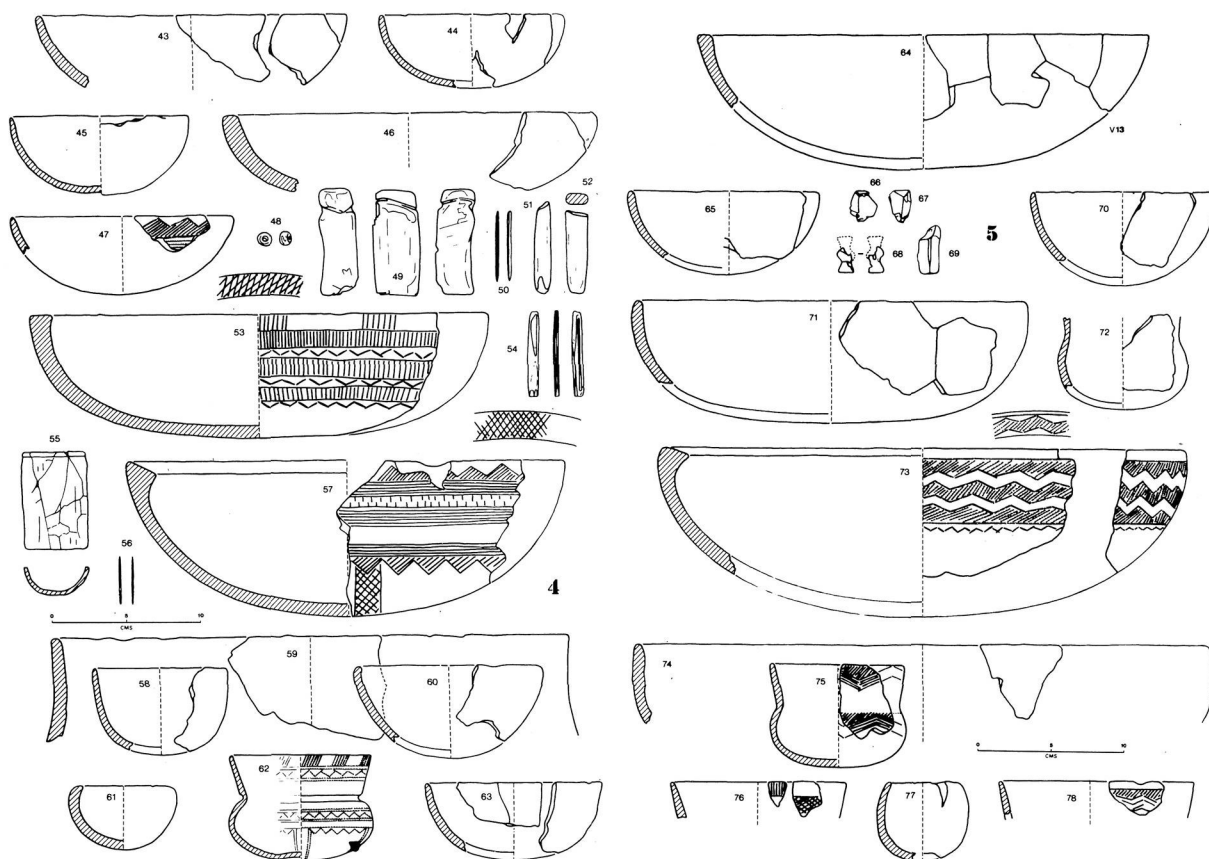


FIG. 3

⁷ CHRISTIANNE ELUÈRE «Les premiers ors en France», *B.S.P.F. Études et Travaux*, fasc. 1, Paris, 1977.

⁸ O. ALVARES PEREIRA DE MELLO; V. FORTUNA; J. CAMARATE FRANÇA; O. DA VEIGA FERREIRA e J. ROCHE: «O monumento pré-

histórico da Bela Vista (Colares)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

⁹ J. MALUQUER DE MOTES: «Nuevos hallazgos de la cultura del vaso campaniforme en la Meseta», *Zephyrus*, vol. IX, Salamanca, 1960.

Levée à Nieul-sur-L'Autize (Vendée)¹⁰ e no dolmen de Trizay (Charente-Maritime)¹¹. Convém aqui frisar que os anéis em espiral, quer portugueses, como os de S. Pedro do Estoril¹², como o do Barro¹³, quer os franceses¹⁴, não devem, em nosso entender, entrar nesta classificação de «tortillons», pois além de uma função completamente diferente são nor-

malmente serpentiformes e certamente ligados ao culto da vida e da fecundidade. É bem evidente que estas hélices, finas, espiraladas, e por vezes bastante compridas, têm uma função completamente diferente. O culto ofiolátrico é bem antigo¹⁵, assim como os cultos zoomórficos, em especial a partir do advento da domesticação, ou seja a partir do

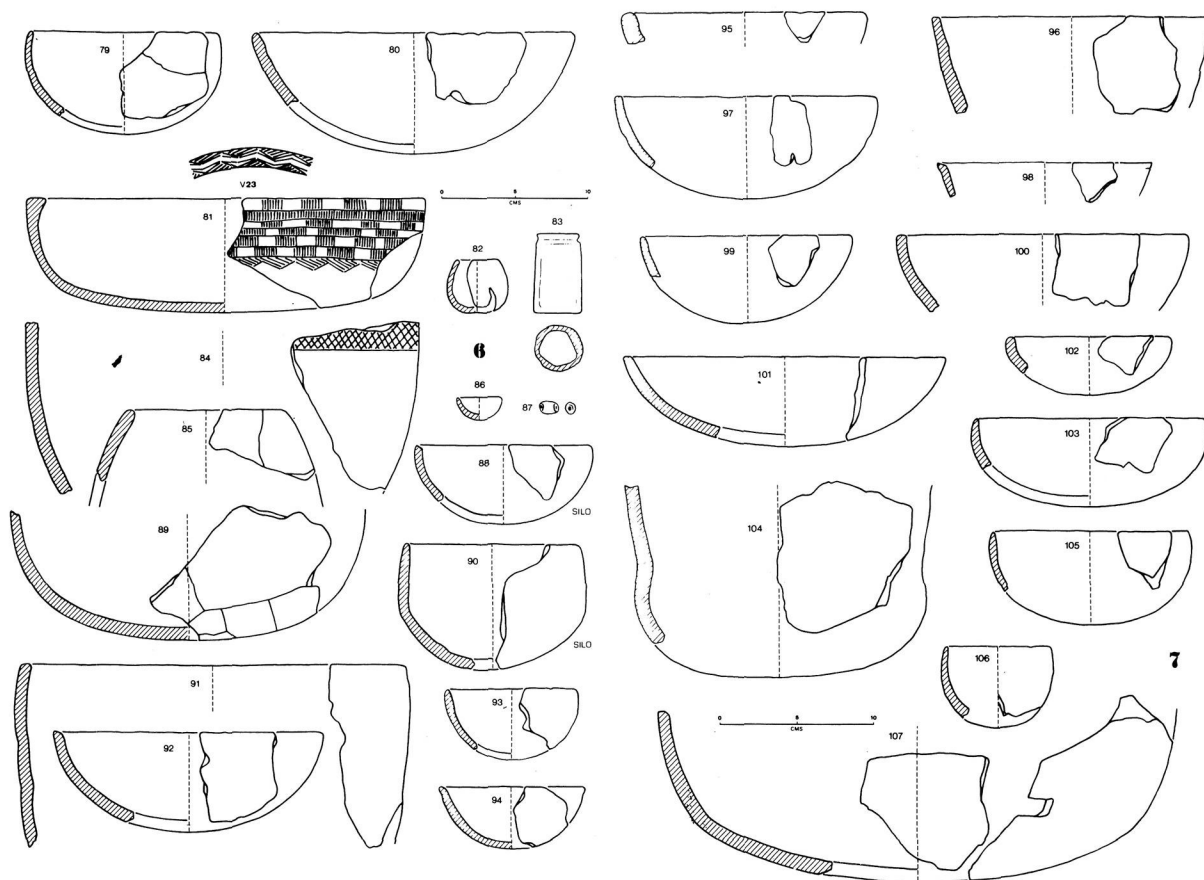


FIG. 4

¹⁰ R. JOUSSAUME: «Le dolmen de Pierre Levée à Nieul-sur-L'Autize (Vendée)», *B.S.P.F. Étud. et Trav.*, T. 73, Paris, 1976.

¹¹ P. BURGAUD: «Fouilles d'un petit dolmen à Trizay (Charente-Maritime)», *B.S.P.F.T.* 38, Paris, 1941.

¹² VERA LEISNER, AFONSO DO PAÇO e LEONEL RIBEIRO: «Grutas artificiais de São Pedro do Estoril», Lisboa, 1964.

¹³ O. DA VEIGA FERREIRA: «La culture du vase campaniforme au Portugal», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 12, Lisboa, 1966.

¹⁴ A. BOCQUET et C. LAGRAND: «Néolithique et Âge des Mé-

taux dans les Alpes françaises», *Livret-guide de l'excursion A9 du IX Cong. U.I.S.P.P.* Nice, 1976.

E. CONSTANTIN: «Mobilier funéraire de dolmens de la région des grandes Causses», *Genève*, n.s. I, 1953.

Z. LE ROUZIC: «Bijoux en or découverts dans les dolmens de Morbihan», *Revue des Musées*, n.º 30, 1930.

DE GOURGES: «Découverte d'une sépulture gauloise aux environs de Bergerac en Janvier de 1859», *Actes de l'Acad. Impér. des Sciences, Belles Lettres et Arts de Bordeaux*, 1859.

¹⁵ O. DA VEIGA FERREIRA e S. DA FERREIRA: «A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato», *Ed. Polis*, Lisboa, 1969.

Neolítico. Em Portugal os cultos zoomórficos são bem demonstrados, quer no horizonte de importação, quer na cultura agro-pecuária do Alentejo (cultura dolménica), quer ainda na própria cultura das «tholoi»¹⁶.

As joias de ouro da Verdelha dos Ruivos vêm demonstrar uma vez mais que a metalurgia primitiva eram um facto bem evidente, a partir, pelo menos, dos primeiros contactos com povos do Mediterrâneo oriental, muito embora estejamos convencidos que tivemos aqui, independentemente, uma fase primitiva da metalurgia na Idade do Cobre¹⁷.

De notar ainda que o anel laminar não tem, até o presente, paralelo em Portugal, e também não os encontramos no estrangeiro. Existem contas tubulares, fragmentos de pulseiras, diademas, cintos, etc., em lâmina, mas enrolado para servir de anel parecidos ser único, a não ser que se não trate dum anel mas duma simples lâmina de ouro enrolada com o propósito de não ser utilizado de imediato, como muitas vezes sucedeu em épocas mais modernas (Bronze e Ferro) onde as armas e joias eram vergadas ou torcidas de propósito para não serem utilizadas depois¹⁸.

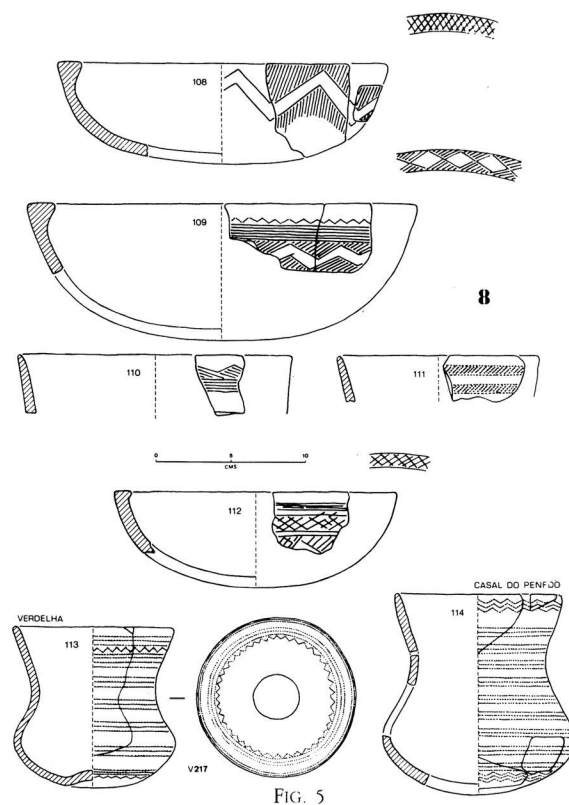


FIG. 5

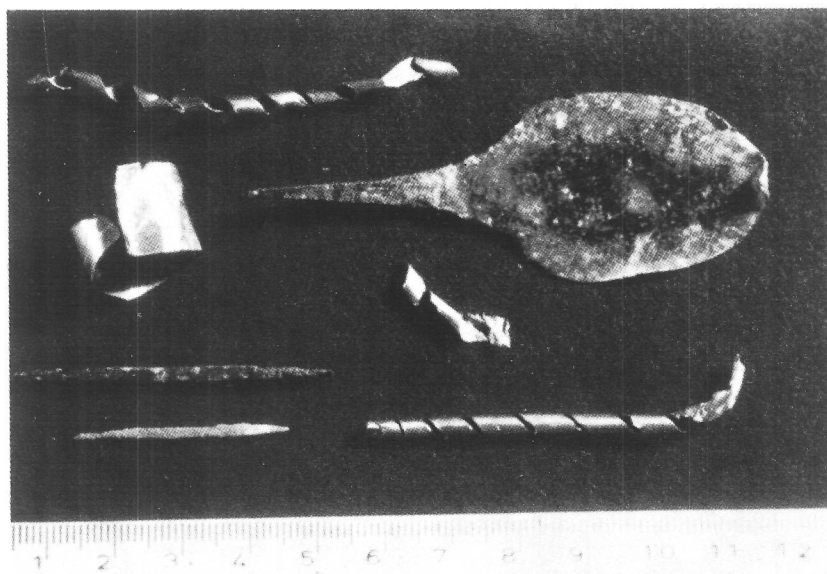


FIG. 6

¹⁶ O. DA VEIGA FERREIRA: «Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno», *O Arqueólogo Português*, serie III, vol. IV, Lisboa, 1970.

¹⁷ O. DA VEIGA FERREIRA et ABEL VIANA: «L'importance du cuivre péninsulaire dans les âges du Bronze», *IV Cong. Int. Ciências prehistóricas y protohistóricas*, Zaragoza, 1956.

O. DA VEIGA FERREIRA: «La métallurgie primitive au Portugal

pendant l'époque chalcolithique», *VI Congreso Int. de Minería*, León 1970.

¹⁸ Vejam-se vários trabalhos sobre as Idades do Bronze e do Ferro em Portugal, muito em especial: ABEL VIANA: *Necropoles céltico-romanas de Elvas* e o tratado de WILLHELM SCHÜLE: «Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel», *Madridischer Forschungen*, Band 3, Berlin, 1969.

A datação dos ouros da Verdelha dos Ruivos é difícil de determinar, pois não temos ainda nenhuma análise do radio-carbono 14, muito embora Thomas Bübner¹⁹ nos tivesse prometido essas análises feitas a partir de ossos humanos encontrados na se-

pultura que deu os joias de ouro. De qualquer forma estamos convencidos que, pelo espólio encontrado, e em especial pelo vaso campaniforme, nunca nos deveremos afastar muito dos 1.800 a 2.000 anos a.C.

¹⁹ THOMAS BÜBNER, aluno do Prof. E. Sangmeister, veio a Portugal colher elementos para uma tese sobre a cultura campaniforme peninsular e levou elementos de várias estações, entre eles alguns ossos das crutas de Palmela a da Gruta de Verdelha dos Ruivos, com o fim de se fazerem análises de radio-carbono 14.